

GENÉTICA NEOLIBERAL

UMA CRÍTICA ANTROPOLÓGICA
DA PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA

SUSAN MCKINNON

TRADUÇÃO
HUMBERTO DO AMARAL

7	<i>Prefácio a esta edição</i>	
	CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER	
20	<i>Introdução</i>	
36	1. <i>Mente e cultura</i>	
70	2. <i>Indivíduo e sociedade</i>	
104	3. <i>Sexo e gênero</i>	
158	4. <i>Ciência e ficção</i>	
186	5. <i>Ciência e moralidade</i>	
198	<i>Agradecimentos</i>	
201	<i>Posfácio</i>	
	MARTA LAMAS	
211	<i>Bibliografia</i>	
220	<i>Sobre a autora</i>	

PREFÁCIO A ESTA EDIÇÃO

O EXCESSO DE INCONSCIENTE NO NEOLIBERALISMO

CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER

Este livro da antropóloga estadunidense Susan McKinnon tem como alvo a generalização dos argumentos genéticos para explicar desde a escolha de parceiros amorosos até o sucesso profissional. A genética neoliberal é uma espécie de acomodação semicientífica de conceitos e discursos derivados da teoria da evolução darwiniana, mas aplicados de forma inconsequente, do ponto de vista epistemológico, e perigosa, do ponto de vista ético-político.

Um bom exemplo disso é a psicoterapia do parentesco evolucionista, que envolve comparar as situações de vida ancestrais da espécie humana com as condições reais da forma de vida de uma pessoa e em seguida promover “ajustes adaptativos”. Steven Pinker é um grande exemplo dessa espécie de divulgação prática da teoria de Darwin; para ele, aqueles que se opõem às explicações genéticas são simplesmente lunáticos, loucos, delirantes que ainda sofrem dos “disparates românticos”. O livro chega em boa hora, quando discutimos a importância da ciência, mas também as “parasitagens ideológicas” das ciências, incluindo aí o que venho chamando de *fake news* científicas. Nesse caso, frequentemente se passa de conceitos sólidos e demonstrações consensuais de aspiração universalista para aplicações erráticas e insólitas. Ao final somos confrontados com o dilema retórico: mas, afinal, você está com Darwin ou não?

Sim, estou com Darwin, não só o de *A origem das espécies*,
7 mas também o de *A expressão das emoções no homem e nos ani-*

mais; fiz meu mestrado em psicologia comparada e animal e estudei a fundo os argumentos da etologia. Mas, já no início dos anos 1990, estudávamos os desastres e imperícias da sociobiologia de Edward Wilson e a sistemática tentativa de atribuir à genética um papel de determinação causal direta de comportamentos. Como mostrou Stephen Jay Gould, a história do darwinismo, desde o retardo na divulgação de seus achados iniciais até a incorporação alemã, baseada na síntese feita por Thomas Henry Huxley, e a incorporação francesa pelos positivistas e spencerianos, é o protótipo da ideologização de uma ideia quando ela cruza desavisadamente a linha que separa as ciências naturais das ciências humanas.

Um exemplo básico. Já que o genoma humano é uno, seria justo imaginar que exista uma espécie de “mentalidade central” (*core mindset*) subjacente à diversidade da cultura humana e que, portanto, as relações de parentesco e todas as relações sociais seriam resultado de cálculos genéticos. O raciocínio consiste em distribuir numa reta real um ponto chamado natureza e outro chamado cultura; depois de opor o inato ao adquirido, o que vem de fábrica e o que é acessório, qual é o hardware em que se apoia o software de nosso computador, tudo fica fácil de explicar. Uma mistura de ambos certamente trará para toda a reta o famoso “componente genético”. Nem sempre é possível explicar exatamente o ciclo desenvolvimental pelo qual passamos da produção de proteínas, que é o que os genes fazem (além de se relacionar com outros genes), para fenótipos (características aparentes de organismos) e, destes, para reflexos, comportamentos e esquemas de ação. Nesse espaço do “ainda não explicado” intervém a hipótese genética, a ser demonstrada pela detecção exata do gene responsável.

Nos cursos de psicologia comparada, estudávamos à exaustão que a função nunca deve ser confundida com a causa. A função tem que ver com a evolução da espécie e sua história filo-

genética; a causa, com interferir no desenvolvimento ontogenético, ou seja, da história daquele espécime. Mas agora noções elementares parecem ter sido suspensas, e temos de conviver, abertamente, com genes da fidelidade, do altruísmo, da formação de grupos, genes que nos predisõem a brincadeiras, que retribuem bondade com bondade, genes da submissão, da ambição e da competitividade, do macho traído, da ajuda a parentes, da resistência a papéis sociais.

Outro erro básico é tentar humanizar os animais lendo suas funções e causas como se fossem sempre análogas ou homólogas às nossas. Mantendo-nos apenas nos exemplos recolhidos por McKinnon, existiria um gene que leva um chimpanzé a dar 60 gramas de carne para seu irmão (e não mais que isso), um gene que aconselha os macacos a amar outros macacos que mamaram nos seios de sua mãe, um gene que faz uma criança assassinar sua irmã recém-nascida, um gene que faz uma jovem de quinze anos querer cuidar de um bebê e o soberano e problemático gene que faz com que um macho fecunde (ou queira fecundar) todas as fêmeas.

Quando aprendi genética evolutiva, os genes eram apenas sequências de aminoácidos dispostos em forma helicoidal que reproduziam e continham as regras de ação sobre moléculas. Hoje eles se tornaram “quase pessoas”, têm ímpetos como ambição ou competitividade e sentimentos como vergonha ou orgulho. Hoje eles possuem “perspectivas” e “pontos de vista”; “querem” e “fazem valer sua vontade”, “calculam”, “controlam”, “selecionam”, “falam” conosco, “aconselham a submissão” e “se disseminam”. A seleção natural era um processo de gigantescas proporções temporais envolvendo sistemas ambientais, eras geológicas, mudanças climáticas, alterações imprevisíveis nas relações entre espécies. Aprendi que o ponto central dessa história era a diversidade e a contingência. Hoje, isso tudo parece ter ficado mais simples, e a seleção natural passou a ser:

concebida como “titereira”, “legisladora”, “programadora cega” e designer que “projeta” organismos, órgãos mentais e adaptações cujo propósito é maximizar a proliferação dos genes. Como administradora por excelência da produtividade genética, a “seleção natural se encarrega do pensamento”, tem “metas” e “estratégias”, “faz valer sua vontade” e “executa suas políticas”. A seleção natural possui tanto desejos quanto a força para realizá-los: ela “quer” e “consegue” que os humanos façam certas coisas – por exemplo, que sejam “bondosos com seus irmãos”, mas apenas “*aparentem* ser bondosos” com amigos. (pp. 38–39)

Os argumentos de McKinnon para mostrar como a ascensão do discurso genético é congruente com a ascensão do neoliberalismo são curiosamente análogos aos que desenvolvemos, no interior do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo (Latesfip-USP), para mostrar como o neoliberalismo desenvolveu uma espécie de política global para fazer a gestão do sofrimento humano, dobrando-o segundo uma única lei, uma única forma de entender economia, uma única maneira de fazer ciência e justificar conhecimento. Penso que uma parte da indignação das pessoas comuns com a ciência e com a universidade – e, conseqüentemente, seu engajamento tantas vezes reativo ao negacionismo, que nos afeta tão brutalmente no enfrentamento da Covid-19 – decorre do uso excessivo da ciência para justificar políticas, notadamente quando se trata de economia.

Steven Pinker, sociobiólogos e psicólogos evolutivos perdem a razão quando extrapolam a aplicação do darwinismo, desconhecendo seus limites e introduzindo um finalismo no qual tudo está a serviço da proliferação de genes. As emoções, por exemplo, seriam invenções genéticas a serviço da perpetuação dos genes, pois

[...] nossos objetivos são subobjetivos do supremo objetivo dos genes, replicar-se [...] o amor e a amizade não passam de “garantias de crédito”; a solidariedade é “só uma recomendação de investimento bastante disfarçada”; a compaixão é apenas um outro nome para “nossa melhor forma de pechincha”, e cuidar bem dos próprios filhos, no fim das contas, é uma forma muito perspicaz de organização de portfólio. (pp. 41–42)

Os genes estão orientados para a “produção de resultados” na forma do comportamento apropriado. Observemos como o vocabulário retórico desse tipo de ciência vai importando cada vez mais significantes da economia: investimento, pechincha, portfólio, crédito, produção. Mas será que é a economia que justifica esse entendimento da teoria da evolução ou é a psicologia evolutiva que está sendo usada para justificar e universalizar o neoliberalismo como nossa verdade genética última?

Contudo, o mais curioso nessa generalização ideológica é que uma genética desse tipo – elevada à condição de uma máquina que tem intenções desconhecidas da consciência individual, capaz de veicular interesses desconhecidos dos agentes sobre os quais incide, que explica quase tudo e especialmente nossas relações amorosas e emoções, que apela para a demonstração futura das hipóteses levantadas – assemelha-se em tudo ao inconsciente. Não ao inconsciente freudiano, mas à sua popularização discursiva, que foi tão pujante justamente antes da entrada do neoliberalismo em cena. Freud chamaria essa forma pré-psicanalítica de inconsciente de “inconsciência” ou “inconsciente descritivo”, bem exemplificado aqui: “Os humanos pensam, decidem e escolhem, resolvem problemas e pesam custos e benefícios da mesma forma que suas glândulas sudoríparas controlam a regulação térmica: sem precisar estar conscientes do processo” (p. 63).

INTRODUÇÃO

Em uma época em que as políticas divisionistas pautadas pelos “valores da família” criaram rachaduras que ameaçam despedaçar os Estados Unidos, os psicólogos evolucionistas nos dizem ter encontrado a única explicação de que precisamos para compreender qual é o valor da família. Nestes tempos em que ideias sobre sexo e gênero mudam em alta velocidade e são profundamente questionadas ao redor do globo, os psicólogos evolucionistas nos contam uma história sobre como diferenças de gênero se consolidaram para sempre nas profundezas da história evolutiva e genética da humanidade. Num momento em que os princípios pelos quais os humanos pretendem organizar a sociedade estão em disputa, os psicólogos evolucionistas reduzem as relações sociais a um reflexo de automaximização genética guiado pelas forças da seleção natural. Em um período em que a economia neoliberal anglo-estadunidense domina e ao mesmo tempo provoca tamanhos ressentimento e resistência em grande parte do mundo, os psicólogos evolucionistas nos fornecem uma teoria da evolução que naturaliza os valores neoliberais. Em resumo, na contramão de uma época em que há urgência por uma compreensão mais nuançada das complexidades e das variedades da vida social, os psicólogos evolucionistas nos oferecem mitos e fábulas marcados por um reducionismo de causar espanto.

A psicologia evolucionista é uma dessas raras emprei-
21 tadas acadêmicas que não só ultrapassam fronteiras entre

áreas de estudo como também desmantelam por completo os limites da academia para invadir a mídia em geral. Valendo-se de áreas como biologia evolutiva, psicologia cognitiva e experimental, teorias da computação e dos jogos e antropologia, essa disciplina se desenvolveu de início como uma investigação acadêmica, principalmente dentro dos departamentos de psicologia. Seus defensores mais notáveis incluem, dentre outros, John Tooby e Leda Cosmides, os codiretores do Centro de Psicologia Evolucionista [Center for Evolutionary Psychology] da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara; Martin Daly e Margo Wilson, que juntos tocam um laboratório no departamento de psicologia da Universidade McMaster, em Toronto; Steven Pinker, professor da cátedra Johnstone Family de psicologia na Universidade de Harvard; David Buss, do departamento de psicologia da Universidade do Texas; e o jornalista Robert Wright.

Contudo, e talvez porque as visões sobre a psicologia evolucionista reflitam pressupostos que nos são familiares, a noção de que nosso comportamento é guiado por mecanismos psicológicos que possuem raízes evolutivas e genéticas profundas logo se tornou parte das explicações emanadas de uma série de áreas diferentes do conhecimento. Paisagistas falam sobre as estruturas profundas de “perspectiva e refúgio”¹ que surgiram no ambiente primordial da savana e que são responsáveis pela apreciação que dedicamos ao paisagismo contemporâneo. O novo campo de estudos da economia evolucionária, nos conta David Wheeler, está organizado pelo pressuposto de que “muito

1 Sobre o uso da psicologia evolucionista no paisagismo: Reuben Rainey, professor da cátedra William Stone Weedon em arquitetura asiática, departamento de paisagismo da Escola de Arquitetura da Universidade da Virgínia (em comunicação pessoal).

do comportamento econômico pode ser resultado dos instintos biológicos de cooperação, de troca e de barganha, além da predisposição a punir trapaceiros”.² Kent Bailey e Helen Wood relatam uma nova forma de psicoterapia, chamada psicoterapia do parentesco evolucionista, que envolve “primeiro reconhecer os vários estresses de inadequação por que o cliente está passando (ou seja, as disparidades entre as circunstâncias em que viviam os humanos ancestrais e aquelas em que vivem os modernos) e, então, ajudá-lo com gentileza e compaixão a primeiro entender o problema e, depois, fazer os ajustes apropriados”³ – ajustes estes voltados a realinhar as circunstâncias atuais de vida com supostos padrões ancestrais. Para os sociobiólogos jurídicos, segundo Herma Kay, “diferenças comportamentais ligadas ao sexo e fundadas na biologia podem e devem ser utilizadas como base para critérios legais que deem sustentação à divisão tradicional de funções de acordo com o sexo”.⁴ E juristas e acadêmicos do direito proeminentes, como Richard Posner,⁵ usam as

2 David Wheeler, “Evolutionary Economics”. *The Chronicle of Higher Education*, 5 jul. 1996, A8; ver também Geoffrey M. Hodgson, *Economics and Biology*. Brookfield: Edward Elgar Publishing Company, 1995; e Peter Koslowski (org.), *Sociobiology and Bioeconomics: The Theory of Evolution in Biological and Economic Theory*. Berlin: Springer, 1999.

3 Kent G. Bailey e Helen E. Wood, “Evolutionary Kinship Therapy: Basic Principles and Treatment Implications”. *British Journal of Medical Psychology*, v. 71, 1998, p. 518.

4 Herma Hill Kay, “Perspectives on Sociobiology, Feminism, and the Law”, in Deborah L. Rhode (org.), *Theoretical Perspectives on Sexual Differences*. New York: Yale University Press, 1990, p. 78.

5 Cf., por exemplo, Richard A. Posner, *Sex and Reason*. Cambridge: Harvard University Press, 1992; e R. A. Posner e Eric A. Posner, “The Demand for Cloning”, in Martha C. Nussbaum e Cass R. Sunstein (orgs.), *Clones and Clones: Facts and Fantasies about Human Cloning*. New York: W. W. Norton, 1998.

SOBRE A AUTORA

SUSAN MCKINNON nasceu em São Francisco, Estados Unidos. Graduiu-se em antropologia na Universidade da Califórnia em Santa Cruz e defendeu mestrado e doutorado, também em antropologia, na Universidade de Chicago. De 1978 a 1980 e de 1983 a 1984, realizou trabalho de campo nas ilhas Tanimbar, no leste da Indonésia, onde investigou as hierarquias sociais estabelecidas com base em diferentes articulações de gênero, parentesco e casamento. Em 1984, tornou-se professora e pesquisadora do Departamento de Antropologia da Universidade da Virgínia, em Charlottesville, obtendo em 2017 o título de professora emérita. Em 2005, recebeu o National Endowment for the Humanities Fellowship, uma das bolsas de pesquisa acadêmica mais renomadas na área de ciências humanas. McKinnon integrou o conselho editorial da *Cultural Anthropology* e do *Journal of Social Archaeology* e é membro de associações de antropologia e etnologia nos Estados Unidos e em outros países, entre elas a American Anthropological Association (AAA). Desde a década de 1980, escreve e coorganiza obras sobre as relações de parentesco, a prática intercultural do casamento, os padrões de gênero e sexualidade na modernidade e a maneira como o discurso científico aborda essas questões.

OBRAS SELECIONADAS

- From a Shattered Sun: Hierarchy, Gender, and Alliance in the Tanimbar Islands*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.
- (org. com Sarah Franklin) *Relative Values: Reconfiguring Kinship Studies*. Durham: Duke University Press, 2001.
- (org. com Sydel Silverman) *Complexities: Beyond Nature and Nurture*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- (org. com Fenella Cannel) *Vital Relations: Modernity and Persistent Life of Kinship*. Santa Fe: SAR Press, 2013.

COLEÇÃO EXIT Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

LEIA TAMBÉM

<i>24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono</i> Jonathan Crary	<i>Big Tech – a ascensão dos dados e a morte da política</i> Evgeny Morozov
<i>Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano</i> Christian Dunker	<i>Depois do futuro</i> Franco Berardi
<i>Os pecados secretos da economia</i> Deirdre McCloskey	<i>Diante de Gaia – oito conferências sobre a natureza no Antropoceno</i> Bruno Latour
<i>Esperando Foucault, ainda</i> Marshall Sahlins	<i>Tecnodiversidade</i> Yuk Hui
<i>Desobedecer</i> Frédéric Gros	

Título original: *Neo-Liberal Genetics: The Myths and Moral Tales of Evolutionary Psychology*.

© Prickly Paradigm Press LLC, 2005

© Ubu Editora, 2021

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Edição BIBIANA LEME

Assistentes editoriais GABRIELA NAIGEBORIN,

ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Revisão ANDRÉ ALBERT e CLÁUDIA CANTARIN

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica MARINA AMBRASAS

Comercial LUCIANA MAZOLINI

Assistente comercial ANNA FOURNIER

Gestão site / Circuito Ubu BEATRIZ LOURENÇÃO

Criação de conteúdo / Circuito Ubu MARIA CHIARETTI

Assistente Circuito Ubu WALMIR LACERDA

Assistente de comunicação JÚLIA FRANÇA

Atendimento JORDANA SILVA e LAÍS MATIAS

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora